

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 26 DE MAIO DE 1897
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 126

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36, SOBRADO



Zincographia Laemmert & C.

— Vês, miseravel? E' meu! (Vide o texto.)

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

Expediente.....	A REDACÇÃO.
« A Semana ».....	V. MAGALHÃES
Um dia feliz.....	
Discurso de Alex. Dumas	
filho.....	
A Festa das lagrymas,	
poesia.....	M. SILVA.
Plágios e plagiários.....	V. MAGALHÃES.
Mais uma fita moita, so-	
neto.....	L. N.
Galeria de originaes—II.	U. DUARTE.
Notas bibliographicas.....	A.
A' Mme. Ladislau Netto.	
Poesia.....	UNE AMIE.
Gazetilha medica.....	DR. SAHÉN.
Bellas Artes.....	A. PALHETA.
A Vida Alegre.....	PONSARDIN.
Sport.....	L. M. BASTOS.
Festas, bailes e concertos	LRAGNON.
Theatros.....	P. TALMA.
Notas e Noticias.....	
Correo.....	ENRICO.
Anuncios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

	CÔRTE
Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000
	PROVINCIAS
Semestre.....	5\$000
Anno.....	10\$000

No escriptorio d'esta folha comprase, a 500 réis, exemplares dos ns. 56, 57 e 64 d'A Semana.

Estão encadernadas e á disposiçãõ do publico, em nosso escriptorio, algumas collecções d'A Semana, do anno de 1886.

BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo corrente anno e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Vinte Contos*, elegante volume, por Valentim Magalhães. Este livro não foi posto á venda.

— *Les hommes d'aujourd'hui*, collecção de cinco esplendidas caricaturas coloridas de homens celebres de França, desenhadas por André Gil, Demare e A. Dreux, com as respectivas biographias, escriptas por notaveis publicistas francezes.

— *Pampanos*, versos, de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adelina A. Eopes Vieira.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.

— *Swangelina*, poema de P. Longfellow, traduzido por Americo Lobo.

A SEMANA

A nossa gravura de hoje, illustrando um pequeno conto, é o que bem se pode chamar *uma surpresa*. Não foi annunciada, ninguém a esperava. Devemos o desenho ao nosso distincto collaborador artistico Belmiro de Almeida, que, mais uma vez, revela as suas bellas qualidades de desenhador

delicado e original. cremos que ha de agrandar nos nossos leitores, pois o trabalho zineographico em nada prejudicou o desenho e honra as officinas da cnsn Laemmert & C.

No proximo numero hrrindaremos os Srs. assignantes com uma lindissima hrrearála—*A sereia*, musica de D. Franciscon Gonzaga, a inspirada e original compositora hrnzileira, e versos de Aluizio Azevedo, dignos da formosa musica que para elles compoz a talentoso auctora da celebre *Atrahente* e de outros verdadeiros mimos musicas.

E em o n. 128 continuaremos a *Galeria do Elogio Mutuo*—retrato de Alfredo de Souza, artigo biographico de Henrique de Magalhães.

Continuamos a empenhar como vêm os nossos assignantes e leitores, todos os esforços para corresponder á estima e ao benevolo apreço com que nos têm honrado.

Ha muito tempo não liamos uma poesia de tanto merecimento como a *Festa das lagrymas*, de Moraes Silva, que hoje enriquece as nossas columnas. E' uma composição de primeira ordem: pela correção artistica, pelo engenho da concepção, pelo sentimento profundo e singelo que regema de todos os versos e pelo alto espirito de philantropia que a inspirou.

Moraes Silva, que muitas vezes nos tem honrado com os seus versos, só com a *Festa das lagrymas* faria irrecusavel direito a figurar no elevado plano em que irradiam os nomes de Luiz Delino, Raymundo Corrêa, Alberto de Oliveira e Olavo Bilac. Quem escreve taes versos é poeta, e dos grandes.

Transcreveremos no proximo numero um novo artigo de Lucio de Mendonça, publicado ante-hontem no excellento *Diario Mercantil*, em treplica a Olavo Bilac na questãõ G. Dias e Castro Alves.

A REDACÇÃO.

UM DIA FELIZ

— Sim, minha querida, fujamos, vamos passar este dia bem longe, muito longe do zumbir d'esta immensa colmeia, longe das dores como das alegrias, das tristezas como das festas da grande cidade. Ella é para os jubilos d'este dia a mesma indifferente que tem sido para as minhas horas de fadiga e desanimo e para as nossas horas de immensa magua.

— Fujamos, sim, meu amor. Tu hoje és meu, somente meu. Todos os dias ella, essa rival que odeio, absorve-te de manhã á noite. Vives nella e com ella a maior e a melhor parte da tua vida. Ah! quantos dias não tem passado de que me não dás senão alguns momentos breves. E esses mesmos nem sempre m'os dedicas; esses mesmos são para pensar nella.

— Ciumenta!

— Ciumenta, sim. Quizera-te meu, só meu e dos nossos filhos. Tenho-lhe ciúmes, tenho-lhe odio porque ella é grande, é enorme, é poderosa, tem todos os encantos, todas as attracções, todos os abysmos da tentação; porque é nula,

tem milhares de faces, de olhos, de vozes e de braços. Como não hei de tomar semelhante rival, pobre de mim que só tenho esta voz, que apenas sabe dizer: « Adoro-to! », mas que os teus ouvidos já estão cansados de ouvir...

— Maria!

— ... que só tenho estes olhos, que só a tua imagem reflectem, que sorriem para os teus, quando os vêm sorrindo, e que choram quando paira no céu dos teus a nuvem de uma tristoza, ou so vae formando a chuva das lagrymas; pobre de mim, que só tenho estes dois pobres braços que apenas sabem ser debeis para te abraçar, crispados de paixão, mas que seriam mais robustos que os de Judith, se por ventura a desgraça inutilisasse os teus, e fosse preciso que o pão do nosso lar fosse cavado com o trabalho dos meus...

— Querida da minha alma!...

— Oh! como não hei de arrealar-me d'essa rival, eu que sou pobre, fraca, pequena, humilde, sem outra riqueza, sem outra força, sem outra belleza, sem outro encanto, sem outra grandeza mais do que o meu amor?!...

— Mas, louquinha, és só a ti que eu amo, que eu quero, que eu admiro. Quando estou com ella, não é nella que eu penso: é em ti.

— Mentis! Sei que mentes porque me amas; mas isso não é verdade. Por ventura quando estás em meio do bulicio e da agitação de que ella te cerca, quando te emmaranbas na teia monstruosa d'essa aranha maldicta, quando te prendem os fios, entrecruzados e innumerados, dos seus prazeres, das suas ambições, das suas baizezas, dos seus encantos, dos seus interesses; quando ella te atordoa com os seus cantos de sereia, com a grita das suas paixões, com a musica do seu dinheiro; quando ella te deslumbra com a belleza das suas mulheres de todas as classes, com todas as seducções—as mais delicadas como as das torpes—com as festas, os theatros, os estofos caros, as joias scintillantes, com todas as opulencias e todos os prazeres, enfim; quando ella te entretém, te prende, te distrae com as confidencias dos amigos, com a narração dos escandalos, com o ciclar dos boatos, com o tracto dos negocios, com as palestras sobre arte ou letras—pensas tu, por ventura, então, na tua mulher, na tua pobre mulherzinha que aqui fica, trabalhando, tambem, no arranjo e no governo da nossa casa, do nosso reinoinho, e que desde que te vaes pela manhã só tem um pensamento: esperar-te; e que se dá por hem paga dos fastios da espéra com o prazer divino de ouvir, á tarde, os teus passos na escada; pensas tu em mim, por ventura?

— Sim, penso...

— Ah! não mintas mais! E fujamos. Tu hoje és meu. Ah! ella tem muito tempo para gosar da tua companhia! E' hoje um dos poucos dias em que o triumpho é meu. Vamos!

Vista lá de cima, do alto do Corcovado, a capital, a detestada e poderosa

rival de Maria, é pequen e humilde.

Os quarteirões lembravam *esses* desenhos com que brincam as crianças, com a symetria do ninhamento e divisão das casas, a disposiçãõ das torres, das e das pequeninas arvores; os lagos pareciam de maincheta e o mar, parado; luzente, manchado de pequenas sombras de nuvios immoveis, parecia de folha de Flandres. Nas ruasitas, multilá em baixo, caminhavam rectiligneamente umas como formigas: —eram os bonds.

Tinham acabado o *lunch*, de uma frugalidade deliciosa, entresachado de beijos e de risos: —o arrulbar de dois corações amantes.

Os olhos de Maria brilhavam humidos, com estranho fulgor,—mixto de dogura e altivez; e o óom o dedo alvo, estendido o braço e a voz ironica, ia apontando os bairros, as ruas, os edificios, mas sempre com esta observaçãõ sarcastica, como um estribilho de mofa:

— Como é pequenina!

De repente, enlaçou fortemente o marido pelo pescoço, com um braço deu-lhe um ruidoso beijo na bocca, depois, estendendo o outro braço, e gritou á cidade, á poderosa rival—tãõ pequenina! — gritou com um brado intraluzivel de triumpho:

— Vês, miseravel? E' meu!

16 de Janeiro 1887.

VALENTIM MAGALHÃES

Discurso de Alexandre Dumas

EM RESPOSTA AO DE LÉONTE DE LISLE,
NA ACADEMIA FRANCEZA

(Continuação)

Sob o influxo do Deus de Moysés e de Jesus, a poesia inspiroa a *Divina Comedia* ao Dante, a *Messade* a Kluptock, *Polyeucto* a Corneille, *Athalia* a Racine, o *Paraiso Perdido* a Milton, o *Fausto* a Goethe; de modo que, quando chegastes á França, inebuido da poesia oriental e da grega, a cuja fonte nos quereis revocar, vos encontrastes em frente de poetas christãos, ultimo reflexo d'aquillo a que chamamos a religiosidade facticia e sensual de Cbatéé brian.

Lamartine, Hugo, Musset eram entre nós os cantores d'essa poesia espiritua lista.

Lamartine dizia:

O Père qu'adore mon père,
Toi qu'on ne nomme qu'à genoux;
Toi dont le nom terrible et doux
Fait courber le front de ma mère;

On dit que ce brillant soleil
N'est qu'un jouet de ta puissance,
Que sous les pieds il se balance
Comme une lampe de vermeil,

On dit que c'est toi qui fais naître
Les petits oiseaux dans les champs,
Et qui donne aux petits enfants
Une âme aussi pour te connaître,

Victor Hugo dizia á filha: *Ma fille*, va prier, e quando, quinze annos depois, a morte lhe roubava sua filha, exclamava:

Maintenant! o mon Dieu, que j'ai ce calme sombre
De pouvoir dénormais
Voir de mes yeux la pierre où je sais que dans l'ombre
Elle dort pour jamais,

Maintenant, qu'attendra par ces divins spectacles,
Plaines, forêts, rochers, vallons, fleuve argenté;
Foyant ma petitesse et voyant vos miracles,
Je reprends ma raison devant l'immensité;

Je viens à vous, seigneur, Père ou quel il faut craindre;
Je vous prie, apaisé,
Les morceaux de ce cœur, tout plein de votre gloire,
Que vous avez brisé.

Finalmente, Musset, a quem alguns, que por ventura o não leram bastante, exprimem que não tenha cantado em toda a sua vida — sendo a canção do Cherubim a malinha, que elle aliás cootava admiravelmente, Musset exclamava, depois de responder, sem réplica possível, a todas as philosophias passadas, presentes e futuras:

Levez, rhéteurs! aïeux, maîtres de la science,
Chrétiens du temps passé et rétroars d'aujourd'hui;
Croyez-moi, la prière est un cri d'espérance!
Pour que Dieu nous réponde, adressons-nous à lui.
Il est juste, il est bon sans doute il vous pardonne.
Tous vous avez souffert; le reste est oublié!
Si le ciel est disert, nous n'offensons personne;
Si quelque'un nous entend, qu'il nous renne en pitié!

Viva Deus! é o que se deve aqui exclaimar; ahí estão bellos versos, senhor; nem conheço outros mais bellos em nossa lingua, posto que conheça muitos versos. Se puderdes ao lado das tres peças que meabo de citar — o Lago de Lamartine, a Tristezza de Olympio, de Victor Hugo, a Recordação, ou qualquer das Noites, a que quizerdes, de Musset, teréis, com os côros de Athalia, de Esther e de Polyucto, rom a admiravel traducção em verso da Imitação por Corneille, teréis, digo, aproximadamente a ultima palavra do nossas poesias de amor terrestre e divino. Isso é que vindes combater; é o que quereis derribar. Tentativa como qualquer outra. Tudo é permitido quando ha um fim lo de sinceridade, tanto mais quanto é certo que o mesmo que aconselhaes aos poetas novos que façam, vos proprio o encetastes, resolutamente, pacientemente. Immolastes em vos a emoção pessoal, encestes a paixão, amiquilastes a sensação, abafastes o sentimento. Quizerdes que, em vossa obra, tudo quanto é luminoso vos ficasse alheio. Impassivel, brilhante e inalteravel como o antigo espelho de prata polido, vistas passar, e reflectistes oxactamente, as mudanças, os factos, as odades, as consis exteriores.

Não quereis que o poeta nos entretenha com as cousas da alma, demasiado intimas e demasiado vulgares. Nada mais de enoção, nem de ideal; nada mais de sentimento, nem de fé; nada mais de pulsão do coração, nem de lagrymas. Tornas o céu deserto e a terra muda. Quereis restituir a vida á poesia, e della tiras o que é a propria vida do Universo, — o amor, o eterno amor. Bastam-vos a natureza material, a sciencia, a philosophia. Decerto que o firmamento, o sol, a lua, as estrellas, os oceanos, as florestas, o divino, os monstros, os animais são interessantes; mas interessante tambem sou eu, o homem. O meu eu que vive, que ama, que pensa, que sofre, que espera a ponto de crer no que nada lhe prova, este eu, não trajo, concedo, mas andrjo que me é querido, tem tanto direito como o restante do Universo á expressão do seu amor, do seu peder, da sua esperança, da sua fé, do seu sonho. Se perdoos aos poetas, se lhes peço até, que me falem de si, é porque ao falarem-me de si, se falam bem, falam-me de mim.

Discussões, raciocínios, theorias, esthetica, tudo isso é e será baldado. Só pertencemos ao que nos commove. A alma humana assemelha-se á Ignez de Molière. A todos os argumentos d'eschola responde o que a ioncente pupilla de Arnolpho responde no velho tutor, quando este se quer toroar amado della:

Tenez, tous vos discours me troublent point l'âme;
Horace, avec deux mots, en ferait plus que vous-

(*) Esta mesmíssima idéis acerca da poesia intima achase expressa e desenvolvida por Victor Hugo, no prefacio das Contemplaões, nestes termos:

« E' então isto a vida d'um homem? E' sim, e é tambem a vida dos outros homens. Nenhum de vós tem a honra de possuir uma vida exclusivamente sua. A minha vida é a vossa, a vossa vida é a minha, viveis o que eu vivo; o destino é um só. Tmae, pois, este espelho, e contemplae-vos nelle. Queixam-se ás vazes dos escriptores que dizem eu. Falae-vos de nós, bradarmilhes. Alz quando vos falo de mim, falo-vos de vos. Como não o comprehendéis? Ah! insensato, que julgas que eu não sou tu! »

Nota do traductor.

Essas duas palavras que a humanidade, como Ignez, quer sempre ouvir, e que hão de arrastar e convencer, são exactamente as que vós excluis da poesia. E que compensação lhe ofereceis em troca? Apos cincoenta annos de erudição, de meditação, de iniciação nas tradições de todos os tempos, qual a philosophia de vossa trilogia dorida, polibrosa dos Poemas Antigos, Poemas Barbaros e Poemas Tragicos? São as duas grandes imprecacões de Caím e de Baglavat, cuja conclusã é o nada do mundo, e cujo fim é a morte.

Et toi, divine Mort, où tout rentre et s'efface,
Accueille tes enfants dans ton sein étoilé;
Affranchis nous du temps, du nombre et de l'espace;
Et rends-nous le repos que la vie a troublé.

Ahi está o que nos trazeis para regenerar-nos, depois dos tres mil annos de barbaria intellectual que atravessámos, segun lo a vossa opinião, desde Homero, Eschylo e Sophocles.

Eis a educação que os adeptos da poesia, tal qual a concebeis, dariam ás gerações novas, ao retomarem a direcção das almas: o vácuo do ser, a apologia da morte. E' a mesma conclusão do Ecclesiastes, hi mais de dous mil annos, e de Schopenhauer em nossos dias. Não quereis culir, em que deis por tal, nas revoltas e blasphemias de Lara, nas tristezas de Renato, nas melancholias de Obermann? Felizmente — deixae-me dizer-vos o meu pensamento inteiro — não creio no sincero desejo de morrer dos que, havendo-o exprimido, mormente em tão bellos versos como os que acabo de citar, continuam a viver. Toda essa esperança affigara-se-me então puramente litteraria. De tudo quanto o homem pode desjar, prosperidade, riqueza, saúde, amor, morte, é exactamente a morte a unica que está em suas mãos alcançar immediatamente, sem favor dos deuses, nem auxilio humano. Pois é exactamente a unica que elle não tracta de alcançar quasi nunca. A morte tem o que quer que seja de bom, mas o homem ha de preferir-lhe sempre a vida, até vêr. Tanto assim que na esperança que possuilvos de ser eternos no outro mundo entra talvez por muito o desespero de o não serem neste.

Todas as nossas lamentações, neste assumpto, vêm ter afinal o fabula da Morte e o Lethador, do bom Latontaine, — philosopho para crianças, que attribue aos animaes tantos dictos sensatos, para o qual nossas mães nos levam á força em pequeninos, ao qual voltamos de todo proprio quando velhos, e cuja philosophia é talvez a unica ao alcance do homem e á qual me parece: que vos proprio começas a regressar. E a prova é que vos vemos ali, vivo, perfeitamente vivo, graças a Deus, e até immortal, immortal como todos aqui o somos; não vos garanto, mais do que isto. Durante essa mutua immortalidade, esforçar-nos-emos por vos tornar a vida smavel, para que possaes escrever por muito tempo ainda bellos versos acerca da morte; e haveis do vér que esta vida tem momentos bons, como por exemplo este, em que sinto verdadeiro jubilo, garanto-vos, em prestar publica homenagem, inda que contradictando-o um pouco, a um homem de grande talento e bello caracter.

Quando suhe que tinha de responder-vos, senhor, confesso-vos que esperrei com impaciencia a communicação de vnsso discurso. Afigurava-se-me que devia ser para vos occasião d'um manifesto definitivo, d'um estudo que não podia deixar de ser interessante, fossem quaes fossem as vossas conclusões acerca do estado da poesia em França, desde 1830. Não julgastes dever fazer semelhante estudo. Nem palavra de Lamartine nem de Musset! Só eu, e todos os que nos escutam, nos lembrámos d'elles. Aliás, cumpre-me evitar-vos immediatamente, — para vos evitar qualquer equivoco inutil em vossas futuras conversas com os vossos novos collegas, — que na Academia continuamos a admirar apaixonadamente um d'elles e a amar doidamente o outro. Recordações, hábitos da mocidade, sem duvida! Fizestes apoaos allusão ao Moyses de Alfredo de Vigny e a um de seus pensamentos. E é tudo quanto concedeis á eschola romantica; é pouco. Quizera tambem vér-vos entrar em algumas mioudencias acerca dos processos da nova eschola de versificação

de que Victor Hugo foi e continuará a ser o chefe, e de quo vós o continuador mais doctoralizado, ainda mais severo do que elle, nelleis. As questões de cultura, de corte dos versos, de suspensão de sentido de um pars outro, de rimas ricas ou pobres, ou sem conato do apoio, finalmente, acerca de todas as questões de technica e de prosodin que levntam tanto rumor no Parnaso. Poderisist ter-nos dicto em que ficamos a respeito do nosso velho Boileau, se continua a ter razão, ou vosso conceito, como a tem no meu, por exemplo, que continuo a entender, em materia de versificação que se pôde dizer tudo na forma de que Malherbc, Regnier, Corneille, Racine, Molière se contotaram. Gosto dos versos que vão aos pars certos, como os bois ou os amantes, e cuio que os versos destinados a fixarem-se na memoria dos homens são os construídos d'esse modo, o que encerram uma bella idéja ou uma bella imagem num verso cuja estrutura Boileau approvaria.

(Continúa)

A FESTA DAS LAGRYMAS.

A JOAQUIM NABUCCO

Aos resenta onnos abre-se-lhe a porta
Do carcere sombrio e miseravel,
E elle vem, — outro justo que supporta
I cruz negra da infamia, tropeçando: —
Pellegro, entrecado e humilde, entorta
O dorso ainda a mais, p'ra terra olhando
Atlante da miseria, sente aos hombros
O peço ingente, e a terra ondear por sobre...

Em vez de coo, de cima escuta o rouco
Do latega a curello a mais pelo eito;
Em vez da trilha facil, pé-o o tronco,
Que o andar trapgo e tímido tem feito;
Em vez do espaço franco, o pulso bronco
A aspiração retraihe-lhe e assusta o peito;
Prezo ao chão, Prometheo, move-se a custo,
Debate-se no leito de Procasto.

Quindo aclamação do Poco, a medo,
E vindo com pavor a extranha cohorte;
P'ra livre ser julgando que inda cedeo,
— Pois eré que a — Liberdade traz a morte.
Não quer deixar seu intimo degredo,
Embora o Poco enthusiamado o exhorte;
Das acas negras retomando o exemplo,
Da Escarvadão sinistra volta ao templo.

Ali deixou a luz do morto cyrio
Junto ao registo, de seo leito á beira;
Os instrumentos negros do martyrio,
Sua tunica esquadra e agoureira:
D'ali ninguém espera mais que tire-o,
Pois que na sombra vé sua carcereira;
P'ra todas olha, tetubando pausa,
Que até o azul do ceo horror lhe crusa?

Recua, ouvindo u voz do Poco, fora,
Da Liberdade os hymnos repetido;
Pensa que comban d'elle como outrora,
E o canto alegre chega-lhe rugido;
Recioso e esparcido, ri-se, chora
Imbecilmente, eendo todos rindo...
Aquillo tudo cuida que é mentira;
E, pobre idiota, a soluçar delira.

Vem festivo e contente a mocidade
Offerrecer-lhe o balsamo das dores,
E diz-lhe tudo aquillo ser verdade:
Que não ha para os velhos mais senhores;
E quando, com gazil fraternidade,
O abraça e o chão alastra-lhe de flores,
De joelhos une ao peito as flores soltas,
E lhas dá outra vez em pranto encoltas.

Alz da Imprensa esbarra-lhe na fronte
E irradia; e elle diz: — Eu não começo
A grande luz, se bem que ella me aponte
Um bom caminho e mostre-me o tropeço;
Porem qual po lo ser meo horizonte,
Sendo da vida o fim o meu começo?
Se assim quereis me desviar do pegu,
Eu não fico obrigada como um rego.

Onde iré eu, a misera e covarde,
Encontrar quem me dê gratos albrgo.
Eu, que não faço e venturoso alarde
Dejar no mundo apraes um amigo?...
Ja não tenho esperança, é muito tarde,
Lou talvez de; ralar-me se vos sigo:
E' tempo de dormir, entre canço,
Tenho o corpo miseravel e doído.

Faltom-me as forças para que me affaste
A transpor os limites do deserto
As carnes arrancam-me o aspero agulê,
E dor o coração, no escuro encêrro
Avalho frio e lugubre da noite,
Irei posar por vós como um morto?
E qual outro podera ser meo partu,
Morro por dentro e já por fora morto?

Onde iré, cambaleando pela estrada,
Tanta de medo e tanto de rubor,
Levando por bastiao a tosa estrada,
E os pés descalços, de que o mundo ri-se
Sem ter coo, sem ter alma, sem ter nada,
O que diria aquelle que me visse?
A que morte iria, que de horror nos parma?
Tumulo que anda, lucido fantasma!

O que é viver? O ludo e a abismo vive,
I serpente — arrastado-se; arraste-me:
Tenho da dor a vida que recive,
E a chamma riva: onde a dor se queime:
Ace do fogo, sempre em roda vive
O inferno, antes do inferno, em que abraço me?...
Por que indetão noite abri-me a porta,
Se trago n'alma a mocidade morta?

Memo quando o ar é lieve, eu, desgraçada,
Morte que rive dentro da materia,
Passa nas festas a chorar, calado,
Pois nem gemer deixava-me a miseria:
Ninguém avia-me, e andei crucificado
Pelos arcaes ardentes da Sibéria,
Na camisa mortuaria, a cada instante,
Verme, sentindo as dores de um gigante!

Tenho lá dentro a tumulo da esposa,
Que ao tronco ni morrer, sangrenta e viva;
Tenho lá dentro o filho que repousa,
Jogado a certa como um cão da rua;
Tenho lá dentro de meo pas á lousa
Entre as dos bois possantes da charrua;
Tenho lá dentro tudo quanto tenho:
Meo ninho d'alma, meo sagrado lenho.

Ide vós, que fostes os felizes,
Que vivestes dos males esquecidos;
De meos filhos curas as cicatrizes,
F lá, do ceo, serei agradecido:
Ouri ou obrigdo os meus juizes
D'esta Judia a ouviram o gemido;
Que não tenham como eu a mesma sorte:
Morri na vida p'ra viver na morte!

A dor profunda, o pranto, e os vos plangente
Excitam mais o contristado Poco,
Que torna ainda enthusiamadamente
A querel-o tirar do abymn cor;
E cada vez, em multidão crescente,
Chega-se a elle, fala-lhe de nove;
Guia-lhe os passos, lhe estremece o hombro,
E pede-lhe com lagrymas e avombro:

— Olha a plebe inenitrel, que trabalha
Para o jugo arrancar do alto dorso;
Hydra, que no holocausto inda estrepante
I tyrania, e cresce com refre;
Que tensas liras ao menos a mortalha,
E isto, talvez, nos tirre do remorso;
Tambem não acordamos muito tarde!
— Inda és capicco, somos um covarde! —

Agradecendo o estridulo enthusiasmo
Do Poco que o sonda, frouzos passos
Encaminha p'ra luz: seu marasmio
Detem —; está cansado dos fracassos
Da escarvadão cruel; perplexo e pasmo,
Parecendo abençoar, levanta as braços,
Morri, suspira, chora, e na locutura,
— Caé deslumbrado e pede a sepultura!

J. DE MORTES SILVA.

Quando se vos apresentar um dever
— canaprio eéganente; ni; o discutaes — se o discutirdes encontraris
sohejas razões para o não cumprirdes.

Cl. de la Harvat.

PLAGIOS E PLAGIARIOS

Em o n. 121 d'A Semana publicamos uma pagina do segundo volume, inédito, do *Subsidios Literarios* do Sr. Guillaume Bellegarde, na qual demonstra o illustrado bibliophilo que o celebre soneto de Raymundo Corrêa *As pombas* não foi imitado dos versos de Gautier *Les colombes*. Esqueceu-se, no entanto, de que ha em outra obra do mesmo auctor uma passagem que a ignorancia ou malignos e a malignos ignorantes pôde dar enchanças a accusar de plagio o nosso grande poeta.

Refiro-me á famosa *Mlle. de Maupin*. Eis o que se lê na pagina 62: « Si tu viens trop tard, ô mou idéal, je n'aurai plus la force de t'aimer: — mon âme est comme un colombier tout plein de colombes. A toute heure du jour, il s'en envolte quelque désir. Les colombes reviennent au colombier, mais les desirs ne reviennent point au cœur. »

Leia-se agora o formosissimo soneto de Raymundo:

« AS POMBAS »

Vae-se a primeira pomba despertada...
Tae-se outra mais... mais outra... emfim dezes

Da pombas vão-se dos pombaes, apenas
Rala, sanguinea e fresca a madrugada.

É á tarde, quando a rígida norteada
Sopra, aos pombaes de novo ellas, serenas,
Ruñando as azas, sacudiado es penas,
Voltam todas em bando e em rovoada...

Tambem dos corações onde abotvem,
Os sonhos, um por um, celeres voam,
Como voam as pombas dos pombaes;

No azul da adolescencia es zes soltam,
Fogem... mas eos pombaes espombas voltam,
E elles aos corações não voltam mais...

Realmente, os superficiaes, os que lêem sem digerir e sem assimilar, os incapazes de penetrar além das letras e de desortiar outro horizonte além do da pagina do livro em que se recheiam inutilmente de erudição, esses, deante n confrontação do trecho de prosa franceza com os ultimos tercetos do soneto em questão, têm de que se assanhar e de que vir n publico trombetar accusações delirantes contra o primoroso poeta das *Symphonias*. Ora, infelizmente, a maioria do publico que lê acompanharia esses Colombos de suppostos crimes litterarios; o que seria perfeitamente natural. Existem ali as apparencias comprometedoras do que erradamente o vulgo, acompanhando a referida casta de criticos, considera — plagio, furto litterario; e se estes, que têm o dever de entender d'esse ariscado, que têm por si a presumpção da competencia para julgar em taes pleitos, gritassem: « — E' um plagio! Raymundo Corrêa é um plagiario! Abaixo do altar! Cubramol-o de ignominia e de esquecimento! » teria o publico razão para repetir esses feroces gritos de guerra e ficar considerando-o um gatuno litterario.

Convém, portanto: I destruir essa balela frivola, provando que não é aquillo um plagio; II provar que entre os maiores escriptores do mundo, entre aquelles que a Gloria immortalizou, poucos são os que não mereceram as péchas de imitação, paraphrase, plagio e furto — furto escandaloso e descarado; III pôr a limpo, determinar definitivamente, irrefutavelmente, aquillo que constitue a originalidade, a verdadeira originalidade litteraria e

artística; IV deixar, de uma vez por todas, demostrado que Raymundo Corrêa é um dos nossos poetas de maior originalidade e de individualidade mais independente e caracteristica.

1

Comecemos definindo o que seja plagio;

Vappereau, no seu « Dictionario das Litteraturas », define o plagio « a apropriação, não do pensamento de outrem, mas da forma que o reveste, em uma obra litteraria ou artistica. » E, desenvolvendo essa definição, acrescenta: « Ea se refermaat dans le domaine des lettres, il faut séparer du plagiat l'emprunt, l'imitation, la similitude d'idées, la reminiscence, tout ce qui, enfin, peut se produire de pareil ou d'identique dans les écrits de deux auteurs, soit par une rencontre fortuite et à l'insu de celui qui vient le second, soit d'une manière avouée et sans aucune intention de fraude. »

Não é plagio, portanto, na auctorizada opinião de Vappereau, a adaptação, a imitação, a semelhança de idéias, a reminiscência, a apropriação meramente da idéia.

« Os pensamentos isolados — diz ainda o illustre critico — bem que com cunho pessoal, podem ser novamente utilizados, sem que seja iseo plagio. »

« Il y a des gens, diz Pascal, qui voudraient qu'un auteur ne parlât jamais des choses dont les autres ont parlé... Mais si les matières qu'il traite ne sont pas nouvelles, la disposition en est nouvelle. Quand on joue à la paume c'est une même balle dont jouent l'un et l'autre, mais l'un la place mieux. »

E' frivola, sobre injusta, a accusação de plagio, portanto, onde se apropriou idéia, pensamento, opinião, ou simples imagem de outrem, daado-se-lhe forma differente, nova, marcada por um cunho original.

Charles Nodier define o plagio propriamente dicto: « a acção de tirar de um auctor (particularmente moderno e nacional, o que agrava o delicto) o fundo de uma obra de invejação, o desenvolvimento de uma noção nova ou ainda mal conhecida, a forma de um ou mais pensamentos; porque podem ganhar com uma forma nova; noções estabelecidas, que um novo e mais feliz desenvolvimento pôde esclarecer; obras cujo fundo pôde ser melhorado por uma forma nova; e fóra injustiça qualificar de plagio o que não é mais que mera ampliação ou melhoria util (1). »

« Os pensamentos isolados — affirma o primeiro dos auctores citados, — podem ser novamente utilizados sem que seja isso plagiar. »

Sem duvida. De idéias, de pensamentos, de imagens, não ha ninguem que se possa reputar proprietario legitimo. Perteacem ao dominio vaetissimo da Intelligencia, onde a todos é licito colher e respigar á vontade, que uma geração de escriptores monda e semeia para a que tem de succeder-lhe. Pretencioso ridiculo é o escriptor que porventura acredita que alguma das cousas que escreve é original, é nova, nunca se erguera ao sol — como se abaixo d'este alguma novidade houvesse!

Originalidade existe, eim, e muitas vezes completa, absoluta; mas consistindo na maneira nova de dizer cousas velhas, remoçando-as; na diversa e não

usada forma de que se vestem; no modo de entendel-as e utilisal-as, muito outro dos anteriores. Original, emfim, é o escriptor que tem uma individualidade propria, um modo seu de se exprimir, de tractar as idéias, de enropear-as, de apresental-as; que tem um sinete só d'elle, com que marca as idéias de todo o mundo, para que, como unicamente d'elle d'eatão em deaate sejam tidas; o que tem, emfim, forma propria.

Ora, Raymundo Corrêa tem individualidade, tem esse modo, esse sinete, essa forma.

Rousseau, accusado de pilhagem, disse, defendendo-se bellamente, energeticamente: « Quem, possuido cerebro activo e pensante, haja uma vez sentido o delirio e a attracção do trabalho mental, não segue servilmente a traça de outrem para se prover de productos alheios, de preferencia aos de sua propria lavra. »

Precisemos ainda mais a questão, no sentido de provar que, concedido haver Raymundo Corrêa aproveitado a bella imagem do pombal, de Gautier, para o seu famoso e formoso soneto, não cometeu um plagio.

Continuemos a ouvir Nodier. (2) Diz elle, claramente: « O poeta, e especialmente o poeta dramatico, que se apodera de alheia idéia, engenhosa ou sublime, e que a veste com a sua linguagem, não é obrigado a citar. Ha, além disso, na applicação da linguagem elegante e medida da poesia a qualquer pensamento uma especie de merito proprio, que distingue o poeta do prosador. Emfim, esta especie de adaptação está consagrada pela opinião unanime dos criticos. »

Mais ainda, e ainda mais claro, se é possível: « O terceiro genero de imitação ou plagio auctorizado é o que consiste em passar para verso o pensamento de um auctor nacional e mesmo contemporaneo que escreveu em prosa. » Exemplos: Coraëlle, na scena celebre da « Clemencia de Augusto », não fez mais do que rimar uma soberba pagina de Montaigne: *Divers événements de même conseil*; e d'esse mesma passagem, que, aliás, tambem Montaigne havia litteralmente copiado (3) tirou Voltaire as palavras celebres de Gusman, no desfecho de *Alzira*. A idéia e o sentimento e a maneira de tractar o assumpto das estrophes da *Ode á Fortuna*, de Rousseau, são tambem de uma passagem de Montaigne (cap. 2º do liv. 3º).

Se tudo isto ainda não basta lembrai o que diz Larousse: (de cujo auxilio esta unica vez me sirvo, por ser decisivo no caso: « Plagiar um escriptor é roubar-lhe os pensamentos, sem lhes dar nenhum cunho pessoal. » Ou, por outras e mais longas palavras: Quem assella os seus ou alheios pensamentos com o cunho da sua individualidade litteraria não é um plagiario.

Ora, Raymundo Corrêa — dando de barato, por verdadeiro, que elle ao compor o soneto conhecesse, ou tivesse presente á memoria, a bella imagem de Gautier — fez com um pensamento que o proprio Gautier não podia garantir haver creado, que tem sido empregado, explorado, imitado, repetido por outros muitos escriptores — um soneto admiravel, originalissimo pelos encantos do verso, harmonioso, expressivo, singelo; originalissimo pela musica suave e melodiosa do rythmo; originalissimo, emfim, pela forma, que constitue a ver-

dadeira originalidade, e que em Raymundo não se parece nem se confunde com a de nenhum poeta, nosso ou de fóra. Tão original — esse soneto, accoimado do plagio, que tem sido imitado, plagiado uma, dez, cent vezes, aqui como em Portugal.

Quem é que já se lembrava d'esse pensamento de Gautier? E hoje quem ha que possa esquecer o soneto de Raymundo? E porque? Porque elle, com o poder do seu talento, com a força de sua poderosissima individualidade artistica, fez d'quelle limpida gota d'agua um largo, sereno e crystallino lago!

Compare-se, além d'isso, o pensamento fundamental do soneto, a sua intenção litteraria, com a simples imagem de Gautier, e ver-se-á que a differença é muito maior do que parece. Gautier diz ao seu ideal que venha depressa, porque, se elle se demorar, já elle, poeta, terá perdido a força de amal-o; porque a sua alma, cheia de desejos, é como um pombal cheio de pombas: a cada hora do dia voa um desejo, mas as pombas voltam ao pombal e os desejos não lhe voltam ao coração. No soneto de Raymundo compara-se o coração, na mocidade, com um pombal; a partida e a volta das pombas são descriptas admiravel, originalissimamente: duas obras primas esses quartetos immortaes! Gautier falou em desejos; Raymundo diz: os sonhos que, na primeira estação da vida, partem:

« No azul da adolescencia as azas soltam »

idéia que não se encontra na passagem de Gautier. Este referio-se á perda dos desejos; Raymundo á perda dos sonhos, na juvenute. Não ha, então, differença, no pensamento de um e do outro poeta? Negal-o, agora, fora demasiada teimosia e má fé.

Isto, porem, pouco importa: Houvesse ou não o poeta brasileiro lido, apropriado o pensamento do poeta francez — o que era de seu direito — o seu soneto é original, é novo, é seu, unicamente seu; ao passo que a imagem de Gautier é tanto d'elle como dos poetas que o precederam e se lhe succederam.

Convém ainda — embora seja dispensavel — lembrar o que affirmam os auctores que citei: — que a apropriação, devida a inconsciente trabalho da memoria, não representa plagio; é muito commum o emprego de hemistichios e versos inteiros de poetas antigos ou contemporaneos. Virgilio, que foi um imitador de Homero, tem vereos, nas suas obras, de muitos poetas, inclusive Lucrecio: o mesmo fez Camões de muitas versos de Virgilio e outros poetas antigos.

E' commum, trivialissimo, o facto de se encontrarem os grandes espiritos; o que deu origem a conhecido proloquio francez.

Por tudo quanto deixei dicto, creio poder terminar a primeira parte d'este estudo: — ficou provado que o soneto *As pombas* não é um plagio feito a Th. Gautier.

Quem o affirmasse emmittiria uma balela impensada e frivola, aliás evidentemente propria a ter curao em boccas faccis ao detrahimento e á censurea leviana, e esquivas ao merecido louvor, á irrecusavel justiça.

Esses arautos da maldade, consciente ou inconsciente, não reflectem, ao menos, que não basta pilhar algures um ligeiro pensamento, uma simples ima-

(1) Ch. Nodier. *Questions de litterature legale*. Paris, 1823.

(2) *Obr. cit.*

(3) *Essais*, liv. I. Cap. 23.

gem, para fazer um soneto *are perennis*, que se celebra em pouco tempo!

Se isso baetasse, Deus meu! seriam pequenas as bibliothecas para conter escriptores *immortaes*!

27-5-87.

VALENTIM MAGALHÃES.

MAIS UMA FILHA MORTA

Agucena em botão, eil-e crestada
De morte ao sópro violento e frio!...
Quem do termo fatal, cruel, sombrio,
Tão proxima te creta, ilha amada?...

No célsre tropéi da curte estreds
Que vae de berço á morte... sem desvlo,
Corteu-te da existência o brsn-lo fio
A dure sorte contra mim armada!...

Armada, sim, que de outras filbas caras
A vida me tirou com a propria vida!...
Mas me restavas tu!... E as prendas raras

De que tu'alma fol físi guarida,
Dom serlam do Céu, se me ficáras,
Consoio de min'balma dolorida!!

Maio, 1887.

L. N.

GALERIA DE ORIGINAES

II

O ANTONICO DO PEDREGULHO

E' o *bilontra* de S. Christovão.
Conhecem este animal?
Poise e o não conhecem, proponho-me
a ser o Lunnou da especie.

Assim pelas sete da noite hão de en-
contra-lo infallivelmente nns cercanias
da imperial quinta, namorando a hu-
manidade de saies.

Traja sempre á ultima moda; mas
convem declarar que a ultima moda, no
bairro de S. Christovão, é aquella que
ha tres annos vigorou na rua do Ou-
vidor.

O Antonico é entusiasta do Fausti-
no, o famoso bilontra do Arthur Aze-
vedo, e faz exforços inauditos para
imital-o em tudo e por tudo.

Deitou chapéu de fitas espantadas e
em cada pé bico chinês, para que se
moças do quartirão o tomsssem por
inglez.

O pai do Antonico é padeiro, e como
tal, nunca se descuidou dos pés de seus
filhos.

Pães de trigo, porque no que diz res-
peito ao pão do espirito, só conseguiu
faze-lo ler, escrever e contar.

Contar numeroa, porque contar lérias
o Antonico não aprendeu com pessoa
alguma.

Mesmo porque o emprego do Antonico
reduz-se ao seguinte — almoçar, jentar,
célar e contar lérias.

A prova de que se dá muito bem com
este regimen é que anda sempre jovial e
satisfeito.

Todos nós temos tics e defeitos, por-
tanto não é de admirar que o Antonico
tambem os tenha.

Achaca-o a monomania do *debique*;
gosta de debicar o genero humano.

O leitor me dirá que este ceatro pre-
nuncia certas qualidades intellectnaes,
isto é, que o sujeito dedo a destructer-
nos deve ser espirituoso e arguto.

Pois não ha tal.

O Antonico ignora mesmo que cousa
seja *espirito*; e jámais, *au grand jamais* l
teve a felicidade de emitir qualquer
idéia que revellasse parentesco em
quinto grão com algum conceito agudo
ou engenhoso. E' besta por sangue e
por educação.

Mas — que quer que lhe faça? — o ho-
mem está persuadido de que tem muita
graça e faz della o uso que mais lhe
convem.

Quando um pobre mortal incorre na
chacota e no escarainho do Antonico,
está perdido; pôde mudar-se do Pedre-
gulho porque ali não faz carreira.

Os botlicarioa, padeiros, compadres,
comadres, taverneiros o logistas do
quartirão apontam para o desgraçado
com esta exclamação de dô: —

« Coitado...
Foi debicado pelo Antonico!
Si Boileau morasse no Pedregulho
havia de exultar, com a seguinte modi-
ficação, ao seu famoso verao:
*Un sot trouve toujours cent plus sots qui
l'admirent.*

Mas como Boileau não mora no Pe-
dregulho, nem em parte alguma, o
nosso Antonico é quem exulta.

Mas eu pretendia tratar bem o Anto-
nico, e creio que já o chamei de tolo.
Queira desculpar, não foi por querer.
A monomania do *debique* não se li-
mita, todavia, ao bairro em que mora.

Não tendo nada que fazer, o Antonico
diverte-se escrevendo cartas anonymas
aos deputados, senadores, ministros e
homens importantes da situação. Tem
o cuidado de franqueal-as, para que os
destinatarios as não refuguem.

Nestae missiva, escriptas com ortho-
graphia phantastica, o Antonico pro-
cura *debical-os* o mais que pôde, e acaba
infallivelmente por mandal-os a uma
certa parte. Esta é a sua melhor pilhe-
ria — «*Sabe que mais? Vá... etc.*»

O açougueiro da esquina, quando elle
lhe leu com gestos mysteriosos uma
deestas cartas, rio-e-te tanto que o seu
carão ficou da cor de um bofes de boi
dependurados á porta.

E o nosso Antonico sahio de casa do
magarefo.

Front haut, pied leste et cœur joyeux!

Uma das magnificas *partidas* do nosso
original, (no seu entender), é a troça que
costuma fazer aos angustos representa-
ntes da nação.

Na hora daa sessões vai para as
aguas-furtadas onde reside um amigo
seu, exactamente defronte da porta de
entrada dos deputados, na rua da Mi-
sericordia.

Agacha-se junto da janella e, assim
que lobriga um representante da nação
pelas costas, grita de lá em voz de fa-
lete muito fina:

— Papagaio, dá cá o pé!

O deputado volta-se para o ponto de
onde partio a voz, mas não vê ninguém,
porque o Antonico já está accorrido no
chão do aposento, rindo-se a escan-
galhar.

D'ahi a segunda volta á jaolla
muito sizudo e disfarçando; mas si
apparece outro deputado:

— Papagaio, dá cá o pé!

Isto ha muitos annos.

Até hoje ainda não descobrio outra
troça politico-bilontrica, mes sómente:

— Pnpagaio dá cá o pé!

Tambem soffre de outro fraco — o An-
tonico.

E' discutidor, rixento, é grulha.
Si lá por seus calculos elle entender
que a *Semana* é sustentada pelo Dr. Luiz
Delphino ou que o José do Patrocínio
foi quem mandou assassinar o czar da
Russia... acabou-se, não ha meio de
convencel-o do contrario.

Na sua opinião todos os nossos ho-
mens polticos e jornalistas são uns
bilontras de forga.

O Antonico grita muito quando dis-
cute, irrita-se, congestiona-se.

Mas este ardor de polemica é inteira-
mente ficticio. Basta uma pouca de agua
fria para apalcal-o. Quer isto dizer que
o Antonico é poltrão ás direitas. Berra,
esbraveja, gesticula, apostropna. Mas
sio interlocutor se encrespa e respinga
com certo energia aos seus desaforos,
o Antonico vai lhe passando o braço
em volta do pescoço e dizendo-lhe em
meio tom amolado: —

— Oh! homem! Você é muito asamu-
dado! Zanga-se com qualquer cousa!
Estamos conversando!

A's vezes, no mais forte calor de uma
discussão, quando tem de dar a replica
ao adversario, o Antonico interrom-
pe-se bruscamente, pede licença nos
circunstantes, sahe, e volta d'ahi a
pouco, mais grulha e mais convencido
do que nunca. Fora beber um *trago* para
molhar a palavra.

A isto chama elle — tomar carvão.

E' o terror e o ei *Jesus* das mucamas
da rua de S. Luiz Gonzaga.

Seu Antonico é por aquellas bandas
uma locução magica, nma especie de
sesamo que abre os corações de todas as
Lennores de carapinha empastada.
Onde os senhores sentirem o cheiro
de clita nngommele, extractos de
Oriza e cebo da Hollanda, ahi é que o
Antonico reina, governa e administra.
Mas tambem a leitora não deve ler
este topico) mas tambem, leitor maligno,
transforma-te pela imaginação em
mncama da rua S. Luiz Gonzaga, e
dize-me se poderias *arrestir* ás
guias artisticamente enceradas d'aquel-
le bigodinho penlante e canalha...

A virtude é uma flor delicada que
só viceja nas setnas da educação
moral.

Não me consta que esta anstera dama
jamais cogitasse de oppor-se a que a
ponta dos bigodes do Antonico tocasse
no coração das mulatas do Pedregulho.

O Antonico tem-se na conta de primeiro
dançarino de S. Christovão e
paizes adjacentes.

Não lhe roubemos esta illusão.
Na quadrilha é de uma suprema *ele-
gancia*.

Flôr ao peito, patinbas *pshttt*, sa-
patos de oleado com ourelas de oeda
carnezim, caçaleia de reluzente *plaque* e
relógio em forma de lapizeira, *piatron*
lmmaculado, sorriso nos labios, *foim
fraichement coupé* no lenço, impertigado e
airoso, o Antonico deita medidas e
nfferce o brnço ás damas como o faria
um addido de primeira classe de embri-
xada franceza.

Faz um signrão, lá isso faz.
Tem sempre um bandão de cousas
que dizer ás damas, no passeio do es-
tylo depois das danças.

Que diabo dirá elle?

Eia aqui um ponto em que me con-
fesso francamente admirador do An-
tonico.

Eu comprehendo que um mortal,
acossado pelas conveniencias, cubra de
beijos o seu mais fidalal inimigo, e en-
forque o seu melhor amigo; en com-
prehendo que um christão asja coagido
peln força das cousas a assistir a uma
conferencia sobre auxilios á lavoura ou
sobre os meios de melhorar o noaso es-
tado sanitario; não acabarei conaa
inexplicavel o ver-me um dia envol-
vido em alguma discussão a respeito do
poder pessoal, e até é possível que
seja obrigado a emitir opinião sobre n
assumpto tão querido do nosso collega
da *Patria*.

Mas não posso imaginar a triste fi-
gnra que faria, se os azares da vida me
levassem a ter de confabular banalida-
de durante vinte minutos com uma se-
nhora que não conheço, a quem nunca
vi e á qual me não liga a mais ligeira
relação social.

Sr. Antonico, permita que lhe tire
o meu chapéu!

URBANO DUARTE.

NOTAS BIBLIOGRAPHICAS

Numerosas são as obras de littera-
tura juridica annualmente edictadas
pela casa Garnier. Não ha muito ainda
publicou «A Lei das Execuções» pelo
advogado Conselheiro Almeida Oliveira
e já entrega ao publico uma outra co-
genera: «Processo das Execuções civeis,
cmmerciaes e hypothecarias» pelo
juiz de Direito Cassiano Candido Tava-
res Bastos, já vantajosamente reputado
por outros trabalhos de jurisprudencia.

Contem este volume todas as dispo-
sições legislativas e regulamentares
das execuções, inclusivé as da lei de
5 de Outubro de 1855 e respectivo re-
gulamento (de 23 de Janeiro de 1856),
a jurisprudencia dos tribunaes e opi-
niões de praxistas.

Excusado é mostrar a utilidade pra-
tica desta obra. Se no systema
adoptado pelo Conselheiro Almeida e
Oliveira de indicar ao lado do textu a
sua fonte legal se facilita a consulta
leva-lhe inconcussa vantagem, por ou-
tro lado, o Sr. Dr. Tavares Bastos com
o indice alphabetico com que fecha a
obra, que é mais completa que a outra.

Recomendamo-la a toda o e inte-
ressado e com especialidade aos Srs.
advogados do nosso fóro.

Os Srs. Laemmert & C. acabam de
edictar *As mentiras convencionaes* da Ci-

vilização, obra do Max Nordau, tradu-
zida pelo Sr. Manoel Coelho da Rocha.

Deste livro — que vamos ler com a
devida attenção e vivo interesse infor-
mam os edictores que se esgotaram na
Allsmanha, em seis semanas, tres gran-
des edições, nelahnd-se hoje na 15ª;
tendo sido traduzida em grande numero
de linguas. Na Austria, por estreita
comprehensão desta obra e falsa inter-
pretação de seus intentos, foi ella pro-
hibida, por perigosa e attentatoria da
tranquillidade publica.

E', portanto, um livro de agitação,
energico, original.

Max Nordau estuda e desmascara as
seguintes mentiras: a religiosa, a poli-
tica, a monarchica e aristocratica, a eco-
nomica, a matrimonial, e diversas ou-
traa mentirinhas.

Quo ha de verdade neste livro das
mentiras?

E' n que só poderemos dizer, após
completa leitura.

Sahlo bntem do prelo o annuncio do
novo livro de Rodrigo Octavio — *Poesmas
e Idyllios*.

Primeiras Rimas — Sob este titulo che-
ga-noe de Prntgal um livro de versos
do Sr. Manoel da Silva Trayer. São na ana
maior parte bem trabalhadas as pos-
sias e têm merecimento, não só pela
delicadeza com que o poeta sabe tractar
os assumptos, como pela inspiração
que lh'os augere.

As *Primeiras Rimas* são um livro di-
gno de ler-se e possuem versos de in-
contestavel merito. Foi edictado pela
empreza Litteraria e Typographica.

De egual procedencia recebemos, fir-
mado pelo Sr. Francisco Palma, um elo-
gante livro de 203 paginas, intitulado
Scenas contemporaneas. Contém este vo-
lume a *Estalua*, poema vibrante, es-
cripto com muito humorismo e repasa-
do de ironia.

Está impresso o *Perfil* de Camillo
Castello Branco, devido á psnuia do pa-
dre Senna Freitas. Este livro não é
mais do que a collecção completa dos
artigos que, sobre aquelle illustre e fa-
moso escriptor, publicou o padre Sen-
na Freitas no *Diario de Noticias* o anno
passado.

O *Perfil* é vasoio em bellissima e
correcta linguagem, e provaria, se não
bastassem outros trabalhos do mesmo
escriptor, a tempera de que é formada
a individualidade litteraria do illustre
publicista. Em appendice, vêm algumas
cartas de Camillo, muito interessantes
e muito honroas para o destinatario,
que é o auctor do *Perfil*.

A.

A Mme. Ladislan Netto

SUR LA MORT DE SA CHARMANTE FILLE
LEONOR NETTO

*À vous mes pleurs, Madame, à vous, doués victime
Des souffrances d'un tendre cœur!
Je gémiss sur vos maux, je descends dans l'abime
De votre indictible douleur!*

*Oui, je pleure avec vous votre fille adorée,
Cet ineffable objet d'un aussi grand amour,
Une aube d'esperance à jamais effaée,
Et qui nous prometait l'éclat d'un si beau jour!*

*Mais, pareille à l'oiseau dont la voix matinale
Se tait quand l'air est attiédi,
Leonor, elle aussi, colombe virginale,
Se tait longtemps avant midi!!*

*Qu'est-elle donc trouré dans cette vie amère!
Où le bonheur n'est pas, où tout espoir est vain...
Où sourient un plaisir, une joie éphémère
Sont suivis d'amertume et de regrets sans fin!!*

*Peut-être avant le soir, en brillante existence
Hélas! se fut ternis le souffle du malheur;
Peut-être avant le soir sa dernière esperance
L'est laissée en chemin, seule avec la douleur.*

Leonor ici-bas sui vécu solitaire;
Car son cœur n'aurait jamais trouvé de cœur pareil;
Fleur céleste, cueille un instant sur la terre,
Elle se fêterait loin du Divin Soleil...

Et tous pleurez toujours cette rose charmante!...
V'est-elle donc pour vous qu'un amer souvenir?...
Qu'un regret du passé? Non! La foi consolante
Nous la montre dans l'Avenir!

Ve la chère! es donc plus dans la froide poussière!
Leonor au front pur, object si gracieux,
Sur les ailes de feu de l'ardente prière,
Comme l'ensems du temple est rennânt aux Cieux!

UNE AMIE.

30 Mai—1887.

GAZETILHA MEDICA

Sinceramente amigos do triumpho
das sciencias medico-cirurgicas no Brazil,
nao podemos deixar de compri-
mentar os illustres clinicos, Drs. Pedro
Alfonso e Barbosa Rounei pelo esplendido
diagnostico e felicissimo resultado alcançado
no exercicio da espinhosa e ingrata profissao que exer-
cem.

Com effeito, apesar das opinioes de
authoras europieas abalistas de que a
hepatite supurada e frequente nos
paizes quentes, onde reina endemicamente,
e força confessar que raras vezes
nos apparece na clinica do Rio de Janeiro.
Com o presente caso conhecemos
mais dous: um em 1879, na 4ª enfermaria
de medicina do Hospital da Misericordia,
a cargo do distincto mestre,
Conselheiro Torres Homem, que
recorreu ao mesmo habil operador,
Pedro Alfonso; outro na clinica civil
de um medico novel, caso tambem visto
e diagnosticado pelos Drs. Alexandre
Calaza e Moreira Senna, em 1881.

Além da raridade talvez deva a
difficuldade do diagnostico, o paciente
affectado de um abscesso do figado acha-se
na immminencia da morte, de que conse-
gue arrebatado a intervencao cirurgica
prompta, necessaria e precisa.
Falau de accordo connosco, Murchison,
Cameron, Murray e Martin.

A intervencao, porém, não pôde ter
logar se o clinico não for perspicaz e
não tiver o timo bastante para reconhecer
a affecção!

Louvores, portanto, aos dous habéis
profissinaes, que se uniram e que com tanta
proficiencia arrebataram mais
um infeliz das garrras da morte.

A Semana sabe e costuma sempre
fazer justiça a quem merece.

Este facto veio quebrar a monotonia
que lavra no campo da medicina e da
cirurgia do Brazil, onde só apparecem,
no fim de cada anno, theses em profusão,
algumas das quaes excellentes
monographias, e onde surge ás vezes
um ou outro jornal de existencia ephemera
e passageira.

Hoje, d'este genero de publicações,
apenas contam-se a Uniao medica e o
Brazil medico, que temos regularmente
recebido, ricos de bons artigos e offere-
cendo leitura interessante.

O indifferentismo, a critica preten-
ciosa, o desanimo, a indolencia e até o
egoismo desviam do campo da imprensa
aquelles que nos podiam frequen-
tamente offerecer o fructo da sua
observação clinica, o resultado mesmo
do seu longo e penoso trabalho de compila-
ção, que é um magnifico auxilliar
para o estudante e para o clinico que
nao tem muitas vezes tempo para compul-
salar obras collossaes.

No estrangeiro, onde os medicos são
affaveis para qualquer trabalho que
appareça de collega, todos se esforçam
por escrever e espalhar a sciencia medica,
pondo-a mesmo ao alcance de todos.

Vencendo esse desanimo e esse egois-
mo, o Sr. Dr. Luiz Faria, adjunto da
Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro,
deu á estampa um Compendio de
molestias cutaneas, e teve a gentileza de
offerecer-nos um exemplar.

Aproveitado e intelligente discipulo
de Hebra, o habil especialista soube
em boa e correcta linguagem organizar

um volume util, recheiado na maior
parte das ideias d'nquelle distincto
dermatologista, mas expõdo tambem
em muitos pontos de seu trabalho differen-
tes affectoes da pelle, que revelam
estudo em mais de um author.

Abriudo-se a pagina 209 deparamos
com o estudo dos neoplasmas, em que o
lupus e tractado com toda a proficiencia
e minuciosidade.

Como trabalho de estreita, mórmente
sobre uma classe de molestias extensis-
sima e em cujo estudo o espirito do me-
dico perde-se e cansa-se muitas vezes,
em cuja investigação o practico gasta
muitos annos, tendo necessidade de uma
applicação enorme para achar-lhe o
valor, não podemos exigir mais do que
este volume, que é um excellentes resu-
mo sobre as molestias da pelle.

Não dirigimos ao Sr. Dr. Luiz Faria
senão palavras de animação e de louvores
pelo seu esforço, desejando que não
pare e que seja imitado por todos
os seus collegas.

Agradecemos o exemplar que nos
offereceu.

DR. SAHEN.

BELLAS ARTES

(REVISTA MENSAL)

O Sr. ministro do Imperio mandou
sidiar para occasiao oportuna o con-
curso de viagem que, neste anno, devia
realisar-se na Academia de Bellas-Artes.
E isto por uma razão sumamente
importante, irrespondivel: falta de
verba!

A falta de verba é a terrivel hydra,
sempre supplicada pela rhetorica parla-
mentar e sempre resuscitada, que
ocasiona os grandes pesadellos minist-
eriaes. Uma vez despertada a hydra
cessa tudo quanto a antiga musa canta.
Ainda bem. Inoquo foi, e seria pueril
se o explanasse, o nosso primeiro in-
tento.

Desejamos folhear attentamente os
relatorios do ministerio do Imperio, tomar
a somma da verba votada para a
Academia de Bellas-Artes, comparala
com os gastos feitos por essa rheuma-
tica instituição, esmiuçar cifra por cifra
em todas as despezas para, triumphantemente,
mostrar a S. Ex., o Sr. ministro,
que a meltonha hydra tinha a cabe-
ça de papellão pintado. Hydra de
theatro. Fingimentos e mais nada.

Raciocinio de peso, pela intensidade de
logica que em si contém, occurreu-nos
em momento proprio. Qual o resul-
tado que poderiamos obter desse pe-
noso trabalho? Convenceriamos S. Ex.
da falsidade da sua hydra? Conseguir-
iamos revogar o aviso? Não. Positivamen-
te, não.

A muito custo, talvez, lançaríamos
um protesto contra o supracitado aviso,
demonstrando, em phrase pallida, diffusa
e côxa, já se vê, quanto se tem feito,
em semelhantes crises, a bem de privi-
legiados entes cahidos do céu por
descuido. Mas empreza enganadora,
seria esta porque—da penna cahiriam
respingos sobre os sempre bemaventurados
entes que Deus enviou ao mundo
para eterno supplicio dos infelizes.
Chama-se a isto disipere in loco. Portanto,
rendendo graças aos deuses de terem
por mim zelado, impedinco-me o passo
para o negro abysmo (estilo parlamen-
tar, extra) aqui deixo estas rapidas
linhas como prova de muita boa vontade
em servir os Srs. concorrentes, e
tambem como prova de grande entendi-
mento das irrevogabilidades dos avisos
ministeriaes. Desculpem-me a immo-
destia.

Assumpto facil e breve temos ao fol-
hear o nosso caderno de notas.

Aqui, em primeiro lugar, no alto da
pagina, estão especificados tres pratos
decorativos, representando fructas,
expostos na casa Veitas. Diz a nota:
u. 1 e 2—mangas, as saborosas mangas
que, na opinião de Alencar, tanto influa-
m para adocicar a pronunciação bra-
zileira: são de um amarello quente,
banbado de rubro. Colhidas ao tempo.
Bem sazonadas. Figos, bellos figos,
ovoides, appetitosos, de uma côr es-
cura, descendo para a côr do vinho tinto
Acor. Um cacho de cocos de tuacns,
parecidos ns forma e no colorido

com as uvas pretas do Douro, magni-
ficos pelo sabor. Roscos jambos, avelu-
dadões peçcos, corados de carmin,
macios, ararás, pitangas de gommos
esclaratos, o um manão aberto ao meio
em talhada, fructo insosso ao paladar
delicado, corer querido dos pequenos
passaros cñtores. N.3.—um pratinho do
baccarat cor de leite, sobre moldura de
seda vermelha o ouro. Um punhado
de frescos mornigos entre folhas, co-
lhidos, sem duvida, de madrugada, aos
primeiros bafejos da viração matura-
na.

Esses tres pratos foram pintados por
Estevão da Silva, um artista que tem
demonstrado verdadeira paixão por
esse genero. Ninguem como elle, actu-
almente, nos apresenta fructos tão bem
pintados. Pintal-os assim, é difficil;
pintal-os melhor é impossivel. Nas
fructas, nada mais se pode desejar,
mas onde o artista podia emendar-se é nas
sombrias. As sombras projectadas car-
regam muito o conjunto.

Na Glace E'rigante o Sr. Antunes expõe
um crayon digno de nota—retrato do
Sr. Octaviano Hudson; e na Casa de
Wilde o Sr. Firmino Monteiro, recém-
chegado da Europa, expoz uma impor-
tante tela—«Galileo perante a Inqui-
sição». Falaremos desse quadro quando
o artista realizar a exposição dos seus
ultimos trabalhos.

Para concluir participo aos meus
leitores (pios e numerosos) que o nosso
sympathico Belmiro está concluindo
um quadro, um magnifico quadro.

E preciso notar: o quadro de Bel-
miro não é historico. Felizments.

ALFREDO PALHETA.

A VIDA ALEGRE

CONGRESSO DOS SOCIALISTAS

Um grupo de entusiasticos mem-
bros d'esta associação tomou a inicia-
tiva de um baile que teve lugar no ul-
timo sabbado, com a animação e con-
currencia a que de ha muito nos habi-
tuou a sympathica sociedade.

Dancou-se o folgou-se até ao aman-
hecer; para isso muito concorreram
o empenho e a gentileza da digna di-
rectoria e da commissão iniciadora, as
quaes não pouparam amabilidades para
com os seus socios e convidados.

PONSARDIN.

SPORT

Muito boas as corridas do Prado de
Villa Izabel no domingo passado. A
concurrencia foi extraordinaria.

Eis o resultado dos pareos:

No 1º pareo (1000 metros) foi vencedor
em 69 segundos Rigoleto, que, desde o
pulo de partida, bateu os seus competi-
tadores. Cantagallo, que foi corrido de
alcançe, o seu jockey não calculou bem
a corrida e prendeu a chegada em 2º
lugar, devendo ganhar. Guacho, em 3º
Verbenne, Bolero e Ondina não mereceram
classificação. Martha e Savana não cor-
reram. O rateio foi de 438100.

No 2º pareo (1450 metros) Talisman fez
boa corrida, vencendo os seus competi-
dores em 96 segundos com alguma
facilidade e desmostrando estar bem
preparado. Le Loup, Mastin e Swamp
bateram-se bem durante o trajecto da
corrida. Mastin obteve o 2º lugar e Le
Loup o 3º lugar. Swamp ainda não está
em boas condições; chegando em ultimo
lugar. O rateio foi de 418100.

No 3º pareo (1600 metros) Intima em
109 segundos, com muita facilidade ven-
ceu a Americana que fez pessima cor-
rida. Este pareo nenhuma importancia
teve, visto não ter sido disputado com
animação, pela falta de animaes. Man-
darim e Rondello não correram. O rateio
foi de 118000.

No 4º pareo (1000 metros) Esmeralda
facilmente venceu os seus adversarios
que pouca resistencia fizeram, em 68 se-
gundos. Corcovado em 2º lugar e Juanita
em 3º lugar. Archimedes, Sensitiva e Ga-
zella não correram. O rateio foi de
118700.

No 5º pareo (1600 metros) handicap—
foi brilhantemente vencedora a valente

Snylla que fez uma bonita corrida luc-
tando com Coupon que nos primeiros
metros conservava-se na frente colendo
finalmente terreno a Snylla que bateu-o
por differença soffrivel. Coupon chegou
em 2º lugar e completamente esgotado,
Diva, que partiu muito atrasada, chegou
em 3º lugar fazendo boa corrida. Dr.
Jenner e Spectiosa ficaram distancidos.
O tempo d'esta corrida foi de 103 se-
gundos. Walter não correu. O rateio
deu 208200.

No 6º pareo (1450 metros) Amazonas,
que foi bem montado, fez boa corrida,
venceu lo os seus competidores em 96
segundos e contra a expectativa geral.
Daybreak, que era o favorito, foi mal
corri lo e por isso afrouxou, chegando
em 3º lugar e batido por Pamy que teve
o 2º lugar em boas condições. Fire-Queen
durante a corrida derrubou o jockey
que pouco soffreu da queda. Odalisco e
Queen não correram. O rateio foi de
1148300.

No 7º pareo (1900 metros) foi venca-
dor Druid em 86 segundos, des le o pulo
de partida. Biscain em 2º lugar e Ay-
moré em 3º—Mondego e Villa Nova che-
garam na bagagem juntamente com a
Cantagallo.—Baccarat II não correu. O
rateio foi de 68900.

Na melhor ordem e com muita regu-
laridade terminaram as corridas nada
deixando a desejar.

Com um convidativo programma
realiza amanhã o Derby-Club uma im-
portante corrida.

Eis os nossos palpites:

No 1º pareo — Esmeralda; no 2º Ar-
monde; no 3º Monitor; no 4º Amazonas;
no 5º Boreas; no 6º Phrynia — não cor-
rerão — Salvatus; no 7º Druid; no 8º
Marengo.

Queira Deus (o deus do Sport) que
acertemos mais uma vez.

L. M. BASTOS.

CLUB DE REGATAS CAJUENSE

Interessantissima a regata effectuada
por este Club na tarde de 23 do cor-
rente. Foi granle a concurrencia de
pessoas, que ali foram atrahiladas pelo
variado programma e pela belleza do
dia.

Eis os vencedores dos diversos pa-
reos:

- 1.º—Cajuense; patrão, Fox.
2.º—Guanabara; patrão, o tenente Ca-
valheiro.
3.º—Jupiter; patrão, Short.
4.º—Guanabara; patrão, Cony.
5.º—Nobre; patrão, Silva Pinto.
6.º—Alice; patrão, Fox.
7.º—Neptuno; patrão, Paes.
8.º—Humaydã; patrão, o tenente Al-
varo Graça.
10.—Peruana; patrão, o tenente T.
Costa.
11.—Alice; patrão, Fox.

A regata, que tinha começado á
1 hora da tarde, foi sempre animadis-
sima, terminando ás 5 horas.

Nossos parabens á digna directoria
do Club pelo brilhantismo com que rea-
liçou tão util divertimento.

FESTAS, BAILES E CONCERTOS

No Sslão do Conservatorio de Mu-
sica realiso o professor Zavatara, com
parte de seus discipulos, no sabbado,
o concerto que estava annunciado.
O programma constava de duas prtes
em treze trechos, que foram bem execu-
tados e muitos applaudidos.

Parabens ao digno professor pelo
muito adiantamento de seus distinctos
discipulos.

Esplendido o sarão-concerto realiso
no sabbado, 21 do corrente, pela sym-
pathica sociedade Congresso Brazileiro.
O crescido numero de distinctas e gentis
senhoras e de cavalheiros da mais fina
sociedade fluminense dava um resleo
deslumbrante nos vastos salões. O con-
certo, muito bem organizado, tendo
começado ás 10 horas, finaliso ás 11,
sempre com immensos applausos pela
perfeita interpretação dada ás peças
designadas no bello programa.

A parte dançante esteve animadis-
sima e prolongou-se até ás 5 horas da
manhã. A distinctissima directoria, que

é composta de moços de esmerada educação, foi incensável em obsequiar os seus convidados, com todas as delicadezas e amabilidades.

O Club do Engenho Velho annuncia para hoje o seu 4.^o sarão-concerto, que, como todos os da distincta associação, deve ser brillantissimo.

Tambem para hoje prepara o Club Hobbe, de Niecheroy, uma das bellas partilhas com que costuma obsequiar os seus socios e convidados. As gentilissimas senhoras que compoem a directoria do Club os nossos agradecimentos pelo seu amavel convite.

Em 6 do proximo mez tem de realisar-se, no theatro D. Pedro II, o concerto promovido por uma commissão de distinctos cavalheiros a favor das victimas dos ultimos terremotos na Italia.

E' organisador do programma d'esta grande festa de caridade o distincto virtuoso Sr. R. J. Kinsman Benjamin.

Por absoluta falta de espaço deixamos de noticiar em o nosso ultimo numero a realizção do 9.^o concerto promovido pela Sociedade de Quarteto do Rio de Janeiro.

Fazemol-o agora, juntando os nossos applausos aos da todos que assistiram á notavel festa, organizada com o carinho e cuidado que sempre notamos nos programmas da associação, executada com a distincção e arte a que nos habituaram os distinctos virtuosos que compoem a util e promettedora Sociedade de Quarteto.

Nossos ombros, pois, por mnie este triumpho conquistado para os annos artisticos do Rio de Janeiro.

Devia ter-se effectuado, hontem, no Imperial Conservatorio da Musica, o concerto de Gregorio do Couto. Duramos circumstancia da noticia no proximo numero d'esta folha.

LOGNON.

THEATROS

Nada de novo pelos nossos palcos: O Recreio Dramatico suspendeu as representações da *Francillon* e em, *reprise*, levon hontem á scena a *Martyr*, o famoso drama de d'Ennery e Tarbé, que, como na primitiva, continuará a dar excellentes receitas á empresa Dias Braga, o Lucinda tem regorgitado de espectadores com o celebre *Gallo de Ouro* e a Phenix Dramatica continúa a fazer milagres com o *Milagro da Nossa Senhora da Penha*.

E por falar na Phenix: Faz beneficio neste theatro no dia 8 do Junho, com um bello espectaculo, o distincto e presado actor Galvão. Na terça-feira ha uma excellente festa no Recreio Dramatico: faz beneficio a sympathica artista Rafaela Montero.

P. TALMA.

FACTOS E NOTICIAS

O Gremio Litterario Victor Hugo, composto de estudantes do Collegio Pujol, effectuou a 22 do corrente uma sessão magna, em commemoração ao 2.^o anniversario da morte de Victor Hugo.

Fez o discurso official o illustrado medico Dr. Oliveira Bueno, seguindo-se-lhe na tribuna varios alumnos d'aquelle collegio, entre os quaes o menino Octavio Durão, que recitou um soneto do director d'esta folha.

Occuparam ainda a tribuna os professores Rego Soares, Faria Tavares e Alfredo Pujol.

Distribuiu-se um numero especial da *Novena e tres* e terminou o solemnidade com a execução da *Marsellesa*, pelos alumnos do referido collegio.

Uma festa que honra aquelle collegio,

pois é uma prova de que se não descauida nelle a educação litteraria dos alumnos.

Chegaram nnto-hontem e estão á venda na livraria Garnier as duas grandes novidades litterarias de Portugal: — *A Reliquia*, de Eça de Queiroz, e *Jonh Bull*, de Ramalho Ortigão. Doia primores.

Ha alguns dias foi o Dr. Ladisláu Netto, o illustre director do Museu Nacional e cavalheiro estimabilissimo, ferido no mais fundo de seu coração pela perda de sua talentosa e gentilissima filha Leonor, que falleceu em S. João d'El-Rey, victima de terrivel tuberculoso, contra a qual nada poude a sciencia medica, representada por homens da estatura do Dr. Barata Ribeiro.

Como sincera manifestação do nosso pezar e do grande apreço em que temos o Dr. Ladisláu Netto, publicamos hoje uns lindos e sentidos versos, dirigidos em francez á sua Exma. esposa, e um bello soneto em que eolnça, estrangulado de dor, um coração de pae. Nossos pezames.

ANAGRAMMA POETICO

OFFERECIDO Á REDACÇÃO D'«A SEMANA»

G O nçalves Dias.
Ca S O tro Alves.

Casi M iro de Abreu.
Alvar a de Azevedo.
Gonça ves Crespo.
Luiz Delp ino.

lavo Bilac.
ayunundo Corréa.
Alb rto de Oliveirn.
Franci S co Octaviano.

Theo hilo Dias.
Affons Celso Junior.
Fagund s Yarella.
Adelino Fon oura.
V lentim Magalhães.
L. Guimarã S Junior.

Al erto Silva.
Luiz Mu at.
Filiuto de lmeida.

E N equiel Freire.
Luc o de Mendonça.
A frado de Souza.
Mora s Silva.
Rodr go Octavio.
Hen rique de Magalhães.
S ares de Souza Junior.
Alcibiade S Furtado.

VICTOR HYLMO

Maió — 1887.

CORREIO

— Sr. Walter. Não gostei nada, mesmo nada, do seu soneto. Que diabo é *flor perfumosa*, phrase que o Sr. empregou no eegundo verso? Não sabe? pois sei eu: é tolice.

— Sr. Delino Feliz. Não posso servir-lhe no que me pede. Enquanto ao seu *De ponto em branco*... ponto final.

— Sr. R. A. M. Macio parece o Sr. parn apanhar o que lhe não pertence. Ainda se o Sr. pura fazer o seu soneto passasse o gatazio em versos alheios, mas os reapettesse, muito bem; mas furtal-os e ainda por cima quebrar-lhea a cara e os pés, por-lhes ferraduras, aleijal-os, enfim, é o cumulo da audacia e da maldade. O seu soneto é todo feito com versos de certo poeta: mas assim mesmo, errado, que é um louvar a Deus de gatas...

— Sr. Demosthenes... das duzias; o seu acrostico não vale uma restea de albos... aos ninos.

— Sr. G. P. S. A sua poesia é... um rosario de versos capengas. Veja se aprende a metrificar, e, então, quando aouber fazer couaa com limpeza, appareça-noa.

— Sr. Alvaraz de Azevedo Sobrinho. Pede-me vossa mercê que declare não me ter referido á sua pessoa quando, nesta secção, respondi a um tal Sr. A. de A. Sobrinho, (o qual nunca vi mais gorlo) que ma enviou uns versos deploravos. Com todo o prazer.

— Leitores e leitoras: Declaro aqui, alto a bom som, que o tal A. de A. Sobrinho e de gloriosa memoria, a que allu li ha tempos nesta secção, nunca foi, não é nem será em tempo algum o Sr. Manoel Alvares de Azevedo Sobrinho, pessoa inoffensiva, incapaz de injuriar Appollo ou brandir arma homicida contra a inerme grammatica.

Que este Sr., ao que parece, é respeitador do Cornja como poucos, e se commette versos, commete-os dos bons, d'aquelles de encher o papel todo, como os requeria nquelle capitão-mór da Morgadinha.

— Esta Sastifeito, Sr. Sobrinho?

— Sr. F. Muniz. Vai aqui meamo o seu sonetinho:

MINHA MÃE

Um bello maternal é uma aurora sancta.

V. MAOALHÃES.

Minha mãe, teu sancto amor,
Suave e doce ambrosia,—
Borrifou minh'alma em flor
Com os orvalhos da alegria.

Teu amor foi o arrebol
Da minha crença perdida;
Foi o vivo, ardente sol,
Que me deu alento e vida.

Ouve, pois, o mãe querida.
A ternura mel-feni-la
D'esse amor—doce fragrancia,

Quebrantou a lucta immensa
Que travei com a dascrença.
— Sullario da minha infancia.

Julho de 84.

FIRMINO MENIZ.

Disto, não faz um pae por nm filho.
seu Muniz.

— Sr. Damido d'Arcos.
O seu soneto irá... irá... irá para... Não se assuste; irá para a Collaboração, quando tiver deitua o Laet.

— Sr. F. F. O seu artigo *Duas borboletas*, não é incurrreto mas é affectado. Dennis o assumpto é fraquinho e pouco interessa. Em todo caso se fosse menos longo, talvez... talvez...

— Sr. Job. Vossa mercê é mesmo nm Job... de molstia. D'esta couza vossa mercê, meu amiguinho, é pauperrimo. A sua poesia se tem do notavel e ser curta, pois, é apenas uma oitava; e é por isso que se lhe dá um caatinho na Collaboração.

ENRICO.

ANNUNCIOS

Dr. Henrique de Sa, especulista de syphilis e uolostas das crianças.— Rua Primeiro de Março, 112 (consultas de 1 1/2 ás 3 horas) — Residencia: Rua de S. Clemente, 94.

Dr. André Itangol.— C. Rua da Quitanda n. 92. R. Rua do Cosmo Velho n. 1 B.

Advogado—Capitão Timotheo Ribeiro do Freitas—Largo do Roario—Barbacena.

A venda na livraria Garnier, Rua do Ouvidor n. 71

A RELIQUIA

DE

EÇA DE QUEIROZ

UM NITIDO VOLUME DE 144 PAGINAS

RAMALHO ORTIGÃO

JONH BULL

depoimento de uma testemunha acerca de alguns aspectos da vida e da civilização ingleza. Um nitido volume de 270 paginas.

LIVRARIA DO POVO

RUA DE S. JOSÉ N. 65 E 67

CASA DAS QUATRO PORTAS

Este estabelecimento tem sempre enorme quantidade de livros sobre sciencias, artes, industrias, litteratura, etc. Especialidade em romaaes dos mais afamados autores nacionaes e estrangeiros.

PREÇOS RESUMIDISSIMOS

Casa de 4 portas 65 e 67 RUA DE S. JOSÉ 65 e 67 Casa de 4 portas

EMULSÃO

DE

SCOTT

DE OLEO PURO DE

FIGADO DE BACALHÃO

Hypophosphitos de cal e soda

Approvada pela junta de hygiene e autorizada pelo governo

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA

Tísica, bronchites, es-crophulas, rachitis, anemia, debilidade em geral, defluxos, tosse chronica e afecções do peito e da garganta

E' muito superior ao oleo simples de figado de bacalhão, porque, além de ter cheiro e sabor agradaveis, possui todas as virtudes medicinaes e nutritivas do oleo, além das propriedades tonicas e reconstituintes dos hydropophosphitos. A' venda nas drogarias e boticas.

FABRICA PEROLA

(Torrefacção de café)

Este afamado café vende-se na fabrica, á rua do Sacramento n. 33, e nas principaes casas de molbados e confeitarias.

CAMPOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua dos Ourives, 51.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIARIAMENTE 10R

E. GAMBARO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Póde ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principaes livrarias.

GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

DERBY-CLUB

PROGRAMMA DA TERCEIRA CORRIDA

A REALIZAR-SE

DOMINGO, 29 DE MAIO DE 1887

Ao meio-dia em ponto

1º pareo — A's 12 horas — **Initium** — 1000 metros — Poldros e poldras nacionaes de 2 annos — Premios: 600\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.

Ns.	Nomes	Pellos	Idades	Naturalidades	Pesos	Cores das vestimentas	Proprietarios
1	Berenice.....	Alazão....	2 ans	R. de Jane..	48 kil.	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
2	Corcovado.....	Castanho..	2 »	Idem.....	47 »	Grénat e ouro.....	Mario de Souza.
3	Esmeralda.....	Idem.....	2 »	S. Paulo..	48 »	Ouro, mang. e boné azul.....	Coud. Alliança.

2º pareo — A's 12 3/4 horas — **Extra** — 1000 metros — Animaaes estrangeiros até 2 annos — Premios: 600\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.

1	Indio.....	Castanho..	2 ans	R. da Prata	47 kil.	Azul e branco.....	T. J. C.
2	Visière.....	Alazão....	2 »	França....	46 »	Azul e pulha.....	Joaquim P. de Castro.
3	Ormonde.....	Zaino.....	2 »	Idem.....	47 »	Perola e grénat.....	A. Vianna.
4	Gentleman.....	Castanho..	2 »	Inglterra..	47 »	Encarnado e azul.....	Coud. Brasileira.

3º pareo — A's 1 1/2 horn — **Excelsior** — 1600 metros — Animaaes do paiz até 3 annos — Premios: 800\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro.

1	Monitor.....	Castanho..	3 ans	S. Paulo..	57 kil.	Azul, branco encarnado.....	Coud. Cruzeiro.
2	Odalisca.....	Pampa....	3 »	Idem.....	53 »	Verde, branco e enc.....	Coud. Excelsior.
3	Rondello.....	Douradilho	3 »	Idem.....	49 »	Azul e grénat.....	Lazaro & Lima.
4	Dandy.....	Vermelho..	3 »	Idem.....	53 »	Ouro e verde.....	F. Vianna.

4º pareo — A's 2 1/4 horas — **Lomgruber** — 1450 metros — Animaaes estrangeiros até 3 annos — Premios: 600\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro

1	Olinda.....	Zaino.....	3 ans	Inglterra..	47 kil.	Grénat e ouro.....	Coud. Carioca.
2	Daybreak.....	Idem.....	3 »	Idem.....	51 »	Azul e ouro.....	D. Julia Vieira.
3	Amazonae.....	Castanho..	3 »	Idem.....	49 »	Azul e amarello.....	L. & C.
4	Pancy.....	Zaino.....	3 »	R. da Prata	49 »	Encarnado e ouro.....	V. M.
5	Babylonio.....	Castanho..	3 »	França....	47 »	Havana o ouro.....	J. R.
6	Gabier.....	Alazão....	3 »	Idem.....	49 »	Grénat e rosa.....	S. M.
7	Phénicia.....	Idem.....	3 »	Inglterra..	51 »	Encarnado e azul.....	Coud. Brasileira.
8	Perte.....	Zaino.....	3 »	França....	47 »	Branco e encarnado.....	O. Junior & Lopes.

5º pareo — A's 3 horas — **Derby-Club** — 1750 metros — Animaaes do paiz — Premios: 1:000\$ no primeiro 250\$ ao segundo e 150\$ ao terceiro

1	Sybila.....	Zaino.....	4 ans	S. Paulo..	50 kil.	Azul, branco e enc.....	Coud. Cruzeiro.
2	Regina.....	Douradilho	4 »	Idem.....	50 »	Azul e grénat.....	Coud. Paraizo.
3	Macarão.....	Alazão....	5 »	Idem.....	54 »	Azul e ouro.....	Coud. Santa Cruz.
4	Boreas.....	Castanho..	5 »	Idem.....	56 »	Encarnado e preto.....	Coud. R. de Janeiro.
5	Diva.....	Alazão....	4 »	R. de Jane..	52 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.

6º pareo — A's 3 3/4 horas — **Progresso** (Handicap) — 1600 metros — Animaaes nacionaes de meio sangue — Premios: 600\$ ao primeiro 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro

1	Condor.....	Castanho..	3 ans	S. Paulo..	43 kil.	Azul, branco e enc.....	Coud. Cruzeiro.
2	Vampa.....	Zaino.....	4 »	Rio Grande	51 »	Azul e grénat.....	Idem Paraizo.
3	Villa-Nova.....	Idem.....	4 »	Paraná... 48 »		Azul branco e amarello.....	Idem Esperança.
4	Onhina.....	Tordilho..	3 »	S. Paulo.. 45 »		Azul e amarello.....	J. M. da Rocha.
5	Biscain.....	Alazão....	4 »	Idem..... 50 »		Azul e grénat.....	Coud. Santa Cruz.
6	Druid.....	Tordilho..	4 »	R. de Jane.. 61 »		Encarnado e branco.....	Oliveira J. & Lopes.

7º pareo — A's 4 1/2 horas — **Rio de Janeiro** (Handicap) — 1750 metros — Animaaes de qualquer paiz — Premios: 1:500\$ no primeiro 400\$ ao segundo e 200\$ ao terceiro

1	Salvatus.....	Alazão....	4 ans	França....	55 kil.	Azul, branco e encarnado.....	Coud. Cruzeiro.
2	Satan.....	Castanho..	4 »	Idem.....	54 »	Grénat e ouro.....	Mario de Souza.
3	Charibdes.....	Idem.....	4 »	Inglterra..	52 »	Preto e encarnado.....	Coud. Rio de Janeiro.
4	Phryna.....	Idem.....	5 »	Idem.....	60 »	Ouro e branco.....	Idem Fluminense.
5	Walter.....	Douradilho	4 »	Idem.....	46 »	Grénat e rosa.....	S. M.

8º pareo — A's 5 1/4 horas — **Seis de Março** — 1450 metros — Animaaes do paiz, de meio sangue, que não tenham ganho no Derby — Premios: 400\$ ao primeiro 80\$ ao segundo e 40\$ ao terceiro

1	Famalição.....	Castanho..	3 ans	R. de Jane..	49 kil.	Azul, amarello e branco.....	Coud. Esperança.
2	Mondago.....	Idem.....	4 »	S. Paulo.. 52 »		Azul e amarello.....	Coud. Luzitann.
3	Aldace.....	Douradilho	4 »	Idem..... 50 »		Grénat e perola.....	J. Vaz.
4	Baccarat II.....	Gateado..	4 »	Idem..... 52 »		Azul e branco.....	F. J. C.
5	Urdinu.....	Tordilho..	3 »	Idem..... 47 »		Azul e amarello.....	José M. da Rocha.
6	Jenny.....	Vermelho..	4 »	Idem..... 50 »		Vermelho e boné preto.....	J. Lemoe.
7	Marengo.....	Idem.....	6 »	Idem..... 54 »		Vermelho.....	Coudelaria Mirim.
8	Milon.....	Rosilho..	3 »	Paraná... 49 »		Azul e branco.....	S. V.
9	Saltarelle.....	Preto.....	6 »	Idem..... 54 »		Geranium e ouro.....	J. W.
10	Caporal.....	Alazão....	4 »	S. Paulo.. 52 »		Grénat e boné branco.....	Coud. Integridade.

MARCOS DE MELLO, 2.º Secretario interino

OBSERVAÇÕES

Roga-se aos Srs. socios mndar substituir os seus cartões pelos distinctivos, sem os quaes não eera permitida a entrada no dia da corrida.

O pessoal da poule deve comparecer na theouraria na vespera da corrida.

MATHEUS LAURIANO, 1º secretario.